

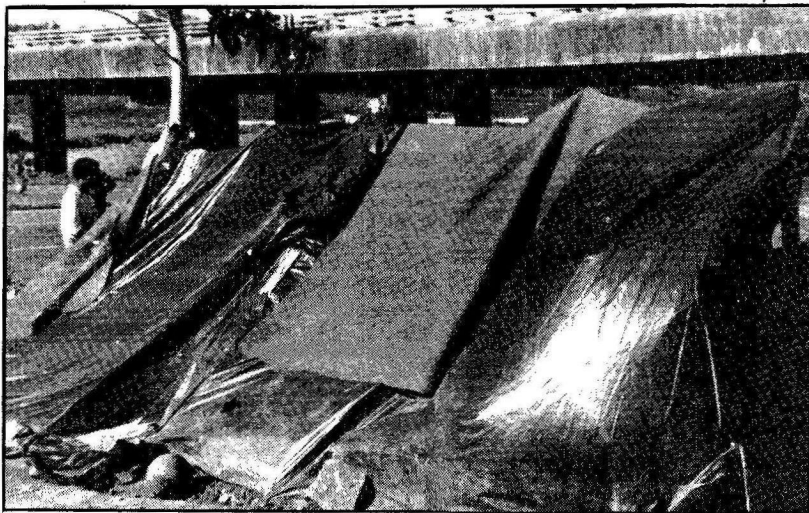
# Urbanista vê tratamento desigual

Mary Leal

“O mal do governo, independente da gestão, é tratar as invasões de pobres diferentemente das invasões de pessoas com poder aquisitivo”. Com esta frase o professor de Projeto de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Luís Alberto Gouvêa, resume o que ele acredita ser um dos grandes problemas na questão das invasões no Distrito Federal. “O governo, então, soluciona a invasão humilde, mandando o invasor para locais distantes de onde ele trabalha. Isto não é solução e sim mais um problema”, sentencia.

Há 20 anos acompanhando o processo de invasões de terras no Distrito Federal, Gouvêa explica que as ocupações urbanas deste tipo seguem uma lógica ligada às migrações e à política habitacional de cada governo. “Se analisarmos desde a década de 60, podemos observar que os governos se alternam entre os que ofertam muito ou não oferecem nada à população em termos de habitação”, disse.

“Isto, ligado às migrações naturais que ocorrem na época de seca no Nordeste, gera as invasões. Ora, se o governo oferece muito e já existe a migração, acaba se gerando um aumento nesta vinda de migran-



**Invasor construiu barraco sob a Ponte do Bragueto, na Asa Norte**

tes”, detalha. “As pessoas passam a vir para cá em maior número. O governo muda e corta a oferta. Isto gera um excedente e, conseqüentemente, as invasões”, continua o professor.

Estas pessoas trabalhavam na Asa Norte e ficaram sem meios de continuar com suas atividades e voltaram a invadir”, relatou, adiantando que no livro que publicará ainda este ano — Brasília, a capital do Controle e da Segregação Social — este tema é abordado amplamente.

Ele cita exemplos de políticas

habitacionais bem-sucedidas em São Paulo e no Paraná, onde a questão das invasões é tratada com a fixação das famílias em áreas próximas às antigas favelas criadas pelos invasores. “É claro que isto não é tão simples assim. Não é invadir e ganhar um terreno para morar em seguida”, ressaltou.

Gouvêa acredita que uma solução para as famílias do Lixão, por exemplo, seria a remoção das pessoas que estão no local há mais de 10 anos para uma outra área em que pudesse continuar trabalhando com o lixo.